

Zanzalá, uma utopia brasileira

Cristina Meneguello

Universidade Estadual de Campinas

U-TOPOS - Centro de Estudos sobre Utopia (Brasil)

Resumo

Em 1928, o escritor socialista, poeta e jornalista Afonso Schmidt (1890-1964) iniciou a publicação, no jornal *O Estado de São Paulo*, de seu romance *Zanzalá*, no qual descrevia sua cidade natal na Serra do Mar, Cubatão, no ano de 2029. Esta enigmática narrativa, que alia uma utopia urbana futurística de amplas avenidas à uma guerra contra selvagens tribos vizinhas, foi posteriormente publicada como livro (1942). Mais bem conhecido como o autor de *Colônia Cecília* (1942), que descreve a experiência nacional de uma colônia anarquista entre os anos de 1889 e 1894, o legado de Schmidt, influente jornalista e literato popular, ainda está por ser amplamente estudado. Este artigo objetiva analisar os padrões utópicos presentes em *Zanzalá* assim como compreender a relação entre o trabalho de Schmidt e os utopismos brasileiros dos séculos XIX e XX.

Palavras-chave

Romance utópico, Afonso Schmidt, Cubatão, urbanismo modernista, autômatos.

Cristina Meneguello é mestre e doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, na qual atualmente é docente nos cursos de História e de Arquitetura e Urbanismo, membro do U-TOPOS – Centro de Estudos sobre Utopias do Instituto de Estudos da Linguagem, e diretora associada do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp. Realizou parte de seu doutorado na Universidade de Manchester (Reino Unido, 1994-95), pós-doutorado na Universidade de Veneza (IUAV) na Itália, em 2005, e na Universidade de Coimbra, Portugal, em 2008. Seu interesse primordial no tema da utopia recai nas conformações físicas, urbanas e espaciais das propostas utópicas, abrangendo tanto o caráter regular e normatizador das propostas que fazem coincidir a organização do espaço à organização social, quanto a atemporalidade histórica que preside as utopias enquanto gênero, inclusa a literatura de cunho social do século XIX. Atuando também nas áreas de cultura visual, preservação do patrimônio e história da arquitetura e urbanismo, Cristina Meneguello é autora de obras como *Poeira de Estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50* (Campinas: Unicamp, 1996) e *Da Ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana* (São Paulo: Annablume, 2000), além de artigos e ensaios que compreendem as áreas de teoria da história, literatura e arquitetura.

Como seria a vida, no ano de 2029, de uma sociedade isolada na região da atual cidade de Cubatão, ao pé da serra do mar de São Paulo?

Cem anos antes, o romancista e jornalista Afonso Schmidt (Cubatão, 1890 – São Paulo, 1964) escreveu o peculiar romance intitulado *Zanzalá*, inicialmente publicado na forma de folhetim nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, e mais tarde publicado na forma de livro, sobre o qual este breve artigo tratará, caracterizando-o como “romance utópico”.

Quando Schmidt o escreveu, já era jornalista conhecido; trabalhara em jornais do Rio e de São Paulo, publicara livros de poesias, editara jornais operários e viajara pela Europa. *Zanzalá*, no entanto, marca o momento em que ele passa a circular na grande imprensa e a conquistar um grande número de leitores, requisitos suficientes para ter sido relegado a segundo plano por muitas décadas nos estudos sobre literatura brasileira. Foot Hardman (1996) já apontou há algum tempo como as lentes de 1922, nas análises da literatura nacional, determinaram o foco de tudo o que ocorreu antes e depois, muitas vezes obliterando figuras que não atendem aos critérios auto-suficientes do modernismo literário.

Parece ser este o caso de Schmidt. Ainda que obras recentes tenham buscado dimensionar a sua atuação como romancista, sua obra ainda é tida como “literatura irregular”¹. A despeito de ondas de interesse no autor, sua obra ainda permanece pouco privilegiada nos estudos e biografias literárias; ora ele é visto como um *outsider* em relação às correntes modernistas, ora visto com desconfiança por ter uma circulação de vendas importante. Isso se dá especialmente a partir da década de 1920, quando o autor ostenta prestígio popular, ou seja, quando cessa a publicação em periódicos anarquistas ou santistas de pouca monta (como o pouco estudado *Vésper*) e passa a figurar nas páginas do jornalismo de empresas como *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, bem como de revistas como *A Garoa*, *Vida Moderna* e *Arlequim* (Paulillo, 2006, p. 21).

A publicação de seus romances na forma de folhetim no *Estado de São Paulo*, nas décadas de 1930 e 1940, o lançam definitivamente como um escritor popular, posição essa reforçada pela edições do Clube do Livro e da Saraiva (décadas de 1940 e 1950). Nessa crescente importância que Schmidt conquista, *Zanzalá* permanece de certo modo em segundo plano. O próprio percurso da publicação do romance ajuda a compreender porque essa se constituiu uma das obras menos célebres do autor, muito mais conhecido por *Colônia Cecília* (1940) ou *A marcha* (1941). *Zanzalá* surgiu inicialmente nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1928; depois no Suplemento de literatura do mesmo jornal, em 1936; em 1938, foi editado por uma desconhecida editora, Spes, que jamais colocou o livro à venda e por fim, apenas em 1949 (quando o autor já tinha certo reconhecimento, com prêmios literários obtidos no ano de 1942), o romance foi lançado pela Editora Clube do Livro, que, desde 1943, lançava um livro por mês, e o enviava a seus associados pela módica quantia de 7 cruzeiros.

Como toda narrativa definida pelo crivo da utopia, *Zanzalá* parte de algumas chaves de funcionamento clássicas: – o isolamento e o caráter

¹ Penso aqui em especial no livro *Tradição e modernidade: Afonso Schmidt e a literatura paulista* (1906/28), de Maria Célia Paulillo (2006), que estuda o período imediatamente anterior à escrita de *Zanzalá*.

insular em que vivem os habitantes de Zanzalá, num vale circundado por altíssimas montanhas; um mundo exterior ameaçador, na figura dos agressivos Caborés; ritos e tradições de uma religião quase mística, de um cristianismo primitivo com traços de espiritismo. Em Zanzalá, mercados centrais distribuem os alimentos e objetos úteis às necessidades diárias – o entreposto faz a distribuição de frutas e legumes, pois a carne estava abolida do consumo e a agricultura atingira altíssimo nível.

Também ali o artesanato da Idade Média renascera, ainda que executado por pequenas máquinas que tinham sua eficiência levada ao máximo; e a ciência é por demasia avançada: o meio de transporte padrão, um misto de navios e aviões, singra o espaço levando viajantes para o turismo em terras longínquas. Por fim, ainda reencontrando as chaves clássicas da narrativa utópica, os elementos inadapáveis da sociedade eram levados a viver em uma espécie de jardim fechado onde, isolados, criminosos, bêbados, assassinos, ladrões e promíscuos tinham a seu dispor pipas de aguardente, seringas de morfina e vasos cheios de cocaína. Esses exilados, assim, encontravam bem depressa o seu fim.

Parece evidente que Afonso Schmidt conhecia e lera outras utopias ao criar a sua. Em *Zanzalá*, menciona H. G. Wells de *A máquina do tempo* (*Time machine*, 1895) e Edward Bellamy de *Daqui a cem anos, revendo o futuro* (a tradução nacional de *Looking backward*, 1887). No entanto, Schmidt equivale escritores, poetas e visionários e os considera todos como determinados pelo mesmo impulso criador; Wells e Bellamy são equiparados ao “visionário” Bandarra (1550-1556) e até mesmo à controversa figura de Nostradamus. No início do século XX, uma série de idéias difusas e imprecisas, de imagens utópicas, estavam ao dispor dos romancistas².

Embora não reconhecida em parte alguma do romance por Schmidt, a literatura de difusão brasileira contava com uma tradição em ficções eivadas pela fantasia. Schmidt não necessitou “importar” o gênero de sua estada na Europa nos anos anteriores. A ficção utópica frequentava publicações ou as páginas de jornais, na forma de folhetim, e tinha público cativo. Se considerarmos, na literatura de fins do dezenove, as incursões de Joaquim Manoel de Macedo (*Luneta mágica*, 1896 ou *O fim do mundo* de 1902), antecedidas pelo romance histórico futurista *Páginas da história do Brasil, escritas no ano 2000* (Joaquim Felício dos Santos, 1872) ou por *O Doutor Benignus*, de Emílio Augusto Zaluar, de 1875; ainda, se incluímos nessa lista imperfeita *A rainha do Ignoto* de Emília Freitas (1875) e *A lanterna mágica* de Coelho Neto (1899), é necessário dar-se conta de que existe uma tradição em contos e romances de caráter fantasioso, um “utopismo brasileiro”³. Ainda, nas décadas que antecederam imediatamente a *Zanzalá*, destaquem-se *O reino de Kiato* de Rodolpho Teóphilo (1922), o bastante célebre *O Presidente negro* de Monteiro Lobato, no mesmo ano, *A Liga dos Planetas* de Albino José Ferreira Coutinho (1923), *A Amazônia misteriosa* de Gastão Cruls (1925) e *Há dez mil séculos* de Enéas Lintz (1926). Contemporâneos à descrição da sociedade ao sopé da serra do Mar de Schmidt, o leitor podia encontrar *Sua Excelência a Presidente da República do Anno 2500* (de Adalzira Bittencourt, 1929), os contos de Berilo Neves reunidos em *A costela de Adão* (1929), *A*

² Elizabeth M. Ginway, “A working model for analyzing third world science fiction: the case of Brazil”: ainda que focada especificamente nas décadas de 1960, 70 e 80 e em questões ligadas a gênero, a autora observa que os parâmetros explicativos gerais aplicados à ficção européia e anglo-americana frequentemente ignoram os mitos culturais de base, importantes para a compreensão da ficção nacional no Brasil, que incluem a idéia de grandeza da nação, da busca pela nacionalidade e do confronto cultura e natureza (2005, p. 467-468).

³ A expressão “utopismo brasileiro” é utilizada aqui na acepção de Alfredo Cordiviola, Ildney Cavalcanti et alli (2006).

mulher e o diabo (1931) e *Século XXI* (1934), e os contos de Humberto de Campos (*O monstro e outros contos*, 1932 e *Sombras que sofrem*, 1934). Por fim, o texto de Schmidt dividiu espaço com a enigmática e consistente produção de Menotti Del Picchia, que incluiu *República 3000* ou *A filha do inca* (1930), *Kalum, o sangrento* (1936) ou *Kumunnká* (1938) e com *Viagem à aurora do mundo*, de Érico Veríssimo (1939).

Liberto de uma equivocada excepcionalidade, *Zanzalá* pode então ser lido e compreendido em suas características específicas, das quais aqui três serão destacadas.

A primeira se refere à projeção espacial de Zanzalá, às suas soluções urbanas muito específicas, que dialogam com o urbanismo modernista das primeiras décadas do século XX; a segunda, à presença do autômato como elemento disruptor da ordem anteriormente estabelecida e à aposta de uma vida futura determinada pela simplicidade, como regra geral para a felicidade; a terceira, ao final trágico, precipitado não pelos autômatos, mas por tipos humanos incivilizados, contemporâneos à época da utopia, que fazem novamente a guerra irromper no espaço idealizado. Essa “utopia” termina distopicamente.

As narrativas utópicas possuem sempre um caráter espacial muito específico, e a descrição arquitetônica dos espaços públicos e coletivos está sempre em diálogo com os pressupostos urbanistas ideais do período em que as utopias se estabelecem. Há um componente utópico nos projetos urbanos, e uma proposta espacial clara nas utopias.

O vale de Zanzalá é um imenso funil, entre desfiladeiros, entrando serra adentro; ao centro, uma pirâmide verde com uma gota de luz ao topo, é um monumento construído pelos homens, a partir de um morro natural, para a comemoração da passagem do ano 2000. Edifícios de setenta andares se espalham pelos recessos da serra; entre eles circulam os meios de transporte, chamados de automóveis por falta de palavra melhor, levando em seu interior famílias vestidas com elegantes *maillots*.

As casas em Zanzalá são portáteis. Conforme narra o autor, os que desejam mudar-se não têm mais a fazer do que desmanchar a casa em que vivem, enrolar as paredes e o teto, de matéria seca, resistente e levíssima, fazer um feixe de madeiramento, acomodar tudo isso num veículo do serviço público e levar para onde interessar (p. 35 et seq.). No novo local, as casas produzidas de forma seriada serão montadas de forma simples, seguindo os parafusos numerados. Qualquer peça faltante pode ser fornecida pela prefeitura. Em Zanzalá, os grandes edifícios ficam reservados para repartições, museus, escolas e bibliotecas.

Para os leitores dos jornais das décadas de 1920 ou 1930, essas propostas devem ter causado uma impressão não muito diversa daquela dos leitores que compraram a obra editada pelo Círculo do Livro, em 1949. Naquele momento, vigorava o urbanismo de grandes avenidas, de perimetrais e radiais, que primava pela circulação dos meios de transporte como a possibilidade de funcionamento da boa cidade. Assim era nas propostas de Prestes Maia para a cidade de São Paulo, com seus dois sistemas básicos de irradiação da metrópole e da avenida “circular” e do

sistema "Y" (Leme, 1989; Toledo, 1996). O Plano de Avenidas, proposto por Prestes Maia e Ulhôa Cintra nas décadas de 1920 e 30 como projeto de sistema viário que estruturou o crescimento de São Paulo ao longo das décadas seguintes, combinava conceitos urbanos em circulação, como o sistema de radiais e perimetrais do alemão Josph Stübben, e o conceito de perímetro de irradiação de francês Eugene Hénard (Anelli, 2007). As belas perspectivas, plantas e cortes que ilustravam o Plano de Avenidas poderiam ter ilustrado as páginas do romance de Schmidt: uma cidade em que as avenidas-boulevares com passeios para os pedestres conviviam com o avanço dos automóveis. Ainda, a concepção urbana expressa no romance é de caráter marcadamente moderno ao adequar a imagem de uma cidade em rápida expansão horizontal, de circulação ágil entre o centro comercial e administrativo, locais de trabalho e áreas residenciais. Efetivado a partir de 1938, o ideário urbano do Plano de Avenidas circula nas ruas de Zanzalá.

Contudo, o “habitar moderno” extravasa o plano urbano e implica um ideal de vida prática. A busca pela praticidade da casa de moradia – o paradigma urbanístico da moradia mínima – em contraposição à importância cênica dada aos edifícios públicos, que coroam grandes avenidas, são o signo da boa cidade. Enquanto, conforme adverte o romance, a Europa era um continente em ruínas pós-guerra, e apresentava-se como um grande museu a céu aberto, nasce nas Américas a possibilidade da cidade ideal e racional. Os princípios da cidade boa como saneada e livre das mazelas sociais, definem as práticas dos projetos urbanos modernistas no Brasil, primando pelo saneamento, controle de epidemias, regularização da circulação viária, reforma de portos e melhoramentos das áreas centrais.

Mas, contesta Schmidt, como conciliar a cabana rudimentar e o apartamento ultraconfortável? Em Zanzalá, as soluções de formas de cidade beiram a simplicidade. Como narra o autor, “a humanidade, fatigada da vida nos formigueiros humanos, com vestimentas impróprias, alimentação envenenadora e necessidade contínua de tônicos e excitantes manifestava uma grande saudade da vida simples e natural do seus antepassados” (p. 45). Assim, o signo da felicidade em Zanzalá é dado pela aposta na simplificação da vida.

O percurso até essa simplificação só foi vencido após a etapa da robotização do homem.

Este o segundo ponto aqui indicado: a presença dos robôs, dos autômatos, como os que precipitaram as mudanças violentas rumo ao futuro⁴. No primeiro capítulo de *Zanzalá*, sobre o século XX, o autor delinea como em 1926 as revistas da América do Norte haviam publicado uma informação curiosa de que as represas de abastecimento em Washington tinham zeladores que jamais dormiam nem se distraíam, posto que eram robôs. A exposição industrial em Nova York, no mesmo ano, apresentara esses bonecos de carne e osso que falavam e pareciam “um de nós”.

A partir daí, os autômatos foram, seguindo as palavras de Schmidt, a escolha óbvia do século XX para as guerras – “a guerra prática, a preço conveniente”. Resistentes aos gases e aos micróbios, fáceis de consertar, esses novos soldados transformariam os hospitais de campanha em depósitos de

⁴ O tema dos autômatos estava presente em obras influentes como *O homem de areia* (1816) de Hoffman; *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley ou *The Bell-Tower* (1855), de Herman Melville; contemporâneo ao autor, o autômato já era tema real, por exemplo, do cinema. Na década de 1920, o tema dos autômatos ganhou força com o autor tcheco Karel Kapek, que lançou em 1921 sua peça teatral R.U.R. (*Rossum's Universal Robots*). Nela, foi criada a própria palavra “robô” [do tcheco “robotá”, significando “trabalho”]. Em 1938, estreou na BBC o curta metragem que adaptava a peça para a TV. Agradeço a Juliana Lopes a indicação de R.U.R..

peças e caixas com braços e pernas. “O soldado que não pensa, não sente, não come, se cura em algumas horas, não deixa viúvas nem filhos (p. 18). Em tempos de paz, esses homens de ferro foram iniciados em profissões subalternas, como vendedores de jornais, engraxates, garçons, porteiros etc. Os autômatos femininos tinham formas tão perfeitas que por mais de uma vez iludiram os frequentadores dos bares paulistanos, que as tomavam por belas humanas. Com a intensificação de sua utilização, os autômatos vieram a substituir todos os trabalhadores, banindo o antigo proletariado dos campos e das cidades, fazendo-os ocupar, na escala social, um lugar entre bandoleiros e mendigos, até que, aos milhões, esfarrapados e famintos, mudaram-se para o Oriente.

No romance, o século XX testemunhou, ainda, uma batalha final homens versus autômatos, e a lenta retomada das profissões por parte dos humanos. Em todo esse confronto, sobressai o aprendizado da necessidade da vida simples. Após sua quase destruição, coube à humanidade reinventar-se, e chegar ao estado de simplicidade atravessada por progressos da ciência – como em *Zanzalá* – mas sem a preponderância ou o domínio da ciência e da tecnologia. O retorno aos temas humanísticos, um tema caro a Schmidt (que já manifestara esse pendor ao criar o equivalente brasileiro ao manifesto do grupo socialista Clarté, como veremos adiante), faz com que, ao falar de seu livro na edição de 1949, tenha apontado que o século XX estava sendo o século da música e o seguinte, o XXI, seria com certeza o século da simplicidade.

“Vivemos saturados de música. O cinema e o rádio levam-na por toda parte. Além da música que se ouve, diante dos aparelhos, há a música que não se ouve e que, nas ondas hertzianas, dia e noite, atravessa o nosso ser, agindo nos planos mais elevados. E cada homem, pela sua constituição, é uma estação radioemissora e receptora”. As mesmas ondas de rádio reabastecem os aeroplanos em pleno céu na *Zanzalá* do futuro, e fazem as suas máquinas funcionarem. Schmidt parece ter inventado um novo princípio científico, invisível, eficiente, com o qual se escusava de qualquer argumentação cientificamente complexa, para a qual não parecia estar preparado. Outrossim, ciência e tecnologia postas sob controle (como no desmantelamento dos autômatos) permitiam o florescimento do que realmente definia o homem no futuro – a arte, a dança, a contemplação da natureza.

O terceiro e último ponto a ser salientado aqui é a forma distópica como o romance chega a seu desfecho. Os habitantes de *Zanzalá* têm o seu “outro”. Aqui, retomamos um tema clássico das utopias da transição entre o século XIX e o XX, para o qual o próprio H.G. Wells já havia chamado a atenção: há um outro, selvagem, aterrador, que vive perigosamente ao redor das sociedades felizes. Aguarda o momento certo para predá-la e, quiçá, destruí-la. Em *Zanzalá*, esse outro são os caborés, povo avesso à civilização, que vive em sobrados de concreto ou cimento armado a que chamam apartamentos. Eles praticam o tiro ao alvo, contam moedas, são anticristãos e buscam uma vida complexa, antiquada, em contraste à simplicidade regente. Eles farão uma expedição à *Zanzalá* para roubar e

matar o único exemplar de cavalo que os pacíficos habitantes possuíam em seu zoológico. O animal, amado pelas crianças, será devorado pelos caborés numa orgia de sangue. O episódio marcará o início da guerra que destruirá Zanzalá, e que será – por mais cruel que pareça a narrativa – de intenso interesse para turistas que habitam o mundo que circunda Zanzalá, e que seguirão para aquela região em aviões lotados partindo do Rio de Janeiro ou de Montevideo.

Os caborés, assim, somos todos nós: carnívoros, avaros, vivendo um século em atraso, ao redor de Zanzalá. A descrição da guerra – não em batalhas isoladas, mas como espetáculo único e contínuo – é um dos pontos altos do romance. “A notícia (...) encheu de curiosidade o país inteiro. (...) É um episódio que lembra ao vivo o fim das civilizações que precederam a nossa. Organizam-se neste momento, por toda parte, imensas caravanas para assisti-la. O governo declarou feriado por uma semana (...) Nada menos de 800 universidades seguem neste momento para o Zanzalá, a fim de que seus alunos possam assistir “in loco” a esse pitoresco espetáculo a que os antigos chamavam de guerra. Trata-se de fazer o possível para que a insurreição não termine até amanhã (...) e que essas cenas características não se interrompam tão depressa. O continente está com inveja do Zanzalá, terra feliz que goza neste momento de um espetáculo que o homem moderno (...) não mais sonhava assistir” (p. 96).

Nos dias de confronto, os entrepostos comerciais de artes registram um recorde de milhares de máquinas fotográficas, papel para filmes, rolos de material para registros cinematográficos. Recém saído da experiência da Grande Guerra, e do jornalismo fotográfico em formato de testemunho, Schmidt retoma o tema da destruição da civilização, mas com traços de *mass-media*. Zanzalá finda numa guerra-espetáculo.

O caráter lacunar das reflexões aqui apresentadas permite, nesse momento, uma abertura em Y, aos moldes das avenidas modernas, para duas considerações finais distintas.

A primeira conecta-se ao final distópico de Zanzalá no ano 2029, e propõe uma violenta torção rumo a uma projeção do futuro-passado que se detém na Cubatão de setembro de 1980, uma Cubatão que Afonso Schmidt não viveu para presenciar, mas que a nós, historiadores, cabe relembrar. O futuro de Zanzalá, em nosso passado, é a Cubatão que na década de 1980 ficou conhecida como Vale da Morte.

Conforme notícia que lançou o problema como um tema de alcance internacional, o jornal *The New York Times* abriu sua edição de 19 de setembro de 1980 chamando a atenção para a intensa poluição que atravessava a cidade, e os aterrorizantes casos então comuns de natimortos ou da morte de recém-nascidos, parte deles com deformidades, em níveis muito superiores a qualquer outro local do país.

Cubatão era, na década de 1980, um dos maiores centros petroquímicos da América Latina e uma das comunidades mais poluídas do mundo. Ainda hoje consta nas estatísticas internacionais entre as 35 cidades mais poluídas do planeta. Atravessada por quatro rios mortos e debaixo de uma névoa

venenosa, alimentada, diariamente, por 1.000 toneladas de gases tóxicos, Cubatão estava ladeada por 24 grandes indústrias, tais como Companhia Siderúrgica Paulista, Dow Química, DuPont e Union Carbide. O principal envenenador, o dióxido de enxofre, saía na proporção de 4 mil toneladas por mês na atmosfera da cidade. 40 de cada 1.000 crianças nascidas morriam em uma semana, e a grande maioria apresentava malformações congênitas. Um instrumento medidor de poluição, instalado pelas autoridades ainda na década de 1970, antes de quebrar após um ano e meio de uso, revelou que a população estava sendo "molhada" por uma constante chuva de 1.200 partículas por metro quadrado, duas vezes maior do que o valor considerado pela Organização Mundial de Saúde como "excesso mortal". Os números provavam, estatisticamente, que essa atmosfera não poderia favorecer a vida humana. E, na época, viviam em Cubatão 15 mil pessoas.

A descrição dos jornalistas empresta voz à distopia: "Um dos rios mortos de Cubatão está coberto por ondas de espuma de detergentes; um outro ferve sob o efeito de depósitos químicos e um terceiro é tão quente que seu curso pode ser seguido pela coluna de vapores que se elevam de fétidas áreas de refugos. Peixes, recolhidos nas proximidades do mar, foram encontrados secos e com deformações ósseas, por terem ingerido mercúrio (...). A fumaça que sobe das fileiras de chaminés, azulada, amarela, vermelha, negra e branca, dá ao ar um tom amarelo-cinza, invadindo as narinas com uma mistura doentia de odores acre. Não há pássaros, borboletas ou insetos de qualquer espécie e, quando chove, especialmente em dias sem vento, as gotas queimam a pele"⁵. Schmidt não poderia ter concebido tal pesadelo de futuro real.

A segunda consideração final implica a percepção de que, apesar de alguns bons trabalhos esparsos, a literatura de ficção brasileira de fins de século XIX e princípios do XX ainda necessita de pesquisa sistemática e detalhada, que produza novas chaves explicativas para a produção do conto e do romance de traços utópicos, em sua dupla ligação com a experiência socialista e anarquista e com as propostas de nação e brasilidade das décadas de 1920, 1930 e 1940.

O impulso utópico não aclarado em *Zanzalá*, e que vai ser reencontrado por exemplo em *Colônia Cecília*, pode residir na atuação de Schmidt, ainda pouco estudada, como militante de esquerda, como membro do partido comunista a partir de 1920 bem como junto ao grupo de esquerda *Clarté*, que nasce a partir da idéia de uma pacifista "Internacional do Pensamento". O *Clarté*, movido pela experiência da Grande Guerra, foi lançado em 1919 por Henri Barbusse, Raymond Lefebvre e Paul Vaillant-Couturier entre outros, e se espalhou por vários países europeus (muitos dos quais se afastaram quando o grupo francês fundador se aproximou da Terceira Internacional a partir da década de 1920).

Na América do Sul, houve influência direta sobre o grupo argentino, que publicou a revista *Claridad* entre 1921 e 1941 e cujos membros eram em grande parte associados ao partido socialista ou ativistas de esquerda de várias correntes; e sobre o grupo brasileiro, por vezes mencionado como precursor do partido comunista.

⁵Tradução de Carlos E. Winther para a reportagem do *New York Times* (1980).

⁶ Sou grata a Foot Hardman pela indicação da ligação de Schmidt com o Grupo *Clarté*, e a Michael Hall pelas indicações posteriores de leitura.

Afonso Schmidt foi o responsável pelo manifesto do Clarté no Brasil – primeiramente nomeado como grupo Zumbi – reverberando as idéias de Barbusse que tinham grande ida junto à imprensa anarquista e revolucionária. Este “comunismo intelectual” aparentemente não caminhou muito além dos manifestos em si, mas sobre o grupo, em depoimento cedido a Mario da Silva Brito em 1964 e citado por Foot Hardman (2002), Schmidt identificava como companheiros do grupo Edgar Leuenroth, Maximiliano Ricardo, Silvio Floreal, Andrade Cadete, Gigi Damiani, Astrogildo Pereira, Everardo Dias e Raymundo Reis, grande parte evidentemente ligada ao movimento operário, ao sindicalismo e ao anarquismo⁷. Certamente, a idéia de um socialismo humanista e o trauma da experiência da Guerra em *Zanzalá* ganham novos contornos a partir dessas afirmações.

Quando Schmidt escreveu este romance utópico ao raiar do século XX, escreveu: “As profecias têm uma utilidade: servem, no futuro, para estudar as aspirações populares da época em que foram escritas. Nada mais. Certo disso, compus estas páginas pensando no bom sorriso dos leitores de amanhã”. Estas palavras têm um travo amargo, ou são de uma zombaria tranquila?

Mais à frente, Schmidt disse de seu *Zanzalá*: “Felizmente para todos nós, esta novela ficará perdida no mar de escritos que não tiveram a ventura de sobreviver à sua época”. Este breve artigo espera, tão somente, ter contradito essa profecia.

Bibliografia

- ANELLI, Renato. “Redes de mobilidade e urbanismo em São Paulo”. In: *Arquitextos*, n. 82, março 2007. Vitruvius [www.vitruvius.com.br]
- BARNESLEY, Godofredo Emerson. *São Paulo no anno 2000 ou Regeneração Nacional: Chronica da Sociedade Brasileira Futura*. São Paulo: Typ. Brazi de Rothschild, 1909 (1ª ed.).
- BELLAMY, Edward. *Daqui a cem anos: revendo o futuro* [1887]. Trad. Myriam Campello. Rio de Janeiro: Record, 1960.
- BITTENCOURT, Adalzira. *Sua Excelência a Presidente da República do Anno 2500*. [1929]
- BOURGUIGNON, Marco A. M.. “Catálogo de Ficção Científica Brasileira”. In: *Scarium*. Disponível em: <http://www.scarium.com.br/catalogo/catalogo.html>. Acesso: setembro 2009.
- CAMPOS, Humberto de. *O monstro e outros contos* [1932]. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1947.
- CAMPOS, Humberto de. *Sombras que sofrem* [1934]. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1945.
- KAPEK, Karel. *R.U.R. (Rossum's Universal Robots)* [1921]. London: Penguin Books, 2004.

⁷ Foot Hardman (2002) observou também o realismo socialista de Schmidt, em especial em seus poemas “Pequenos Varredores”, “Jardins Fechados” e “Vida Simples”. A publicação do Clarté circulou entre meados de 1921 e janeiro de 1922. O Manifesto pode ser encontrado em Carone (1979) à página 333. Ver também “Os ideais da Clarté”, *Clarté no. 1*, setembro de 1921, p. 13-15, reproduzido em Pinheiro e Hall (1979) às páginas 247-249.

- CARONE, E. *Movimento operário no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875 – 1950)*. Belo Horizonte: Editora da UGMG, 2003
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo, utopias e realidade, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva: São Paulo, 1985.
- CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo; CAVALCANTI, Ildney (Orgs.). *Fábulas da iminência – ensaios sobre literatura e utopia*. Recife: PPL/UFPE, 2006.
- COUTINHO, Albino José Ferreira. *A Liga dos Planetas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1923 (1ª ed.).
- CRULS, Gastão. *A Amazônia misteriosa [1925]*. São Paulo: Editora Atual, 1957.
- DEL PICCHIA, Menotti. *República 3000 ou A filha do inca [1930]*. São Paulo: Editora Secretária do Estado da Cultura de São Paulo - Livraria Martins Editora, 1982.
- DEL PICCHIA, Menotti. *Kalum, o sangrento [1936]*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.
- DEL PICCHIA, Menotti. *Cummunká*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946 (1ª ed.).
- FREITAS, Emília. *A rainha do Ignoto [1899]*. Florianópolis: Editora Mulheres/Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- GINWAY, Elizabeth M. “A Working Model for Analyzing Third World Science Fiction: The Case of Brazil”. In: *Science Fiction Studies*, Vol. 32, No. 3 (Nov., 2005).
- GINWAY, Elizabeth. *Brazilian science fiction: cultural myths and nationhood in the land of the future*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2004.
- HALL, Michael M. e PINHEIRO, Paulo Sérgio. “The Clarté Group in Brazil”. In: *Le mouvement social*, no. 111, (Apr. - Jun., 1980).
- HARDMAN, Francisco. Foot. “Antigos Modernistas”. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- HARDMAN, Francisco. Foot. *Nem pátria nem patrão*. São Paulo: Unesp, 2002.
- LEME, Maria Cristina S. (org.). *Urbanismo no Brasil (1895-1965)*. São Paulo: Studio Nobel, FAU / USP, FUPAM, 1999.
- LIMA, VERO DE. *A Destruição do Mundo*. s/l. Cacique Ltda, 1936 (1ª ed.).
- LINTZ, Enéas (Thomaz de Alencar). *Há Dez Mil Séculos*. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat & Miccolis, Editores 1926 (1ª ed.).
- LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro ou O choque das Raças: Romance americano de 2228 [1922]*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Luneta mágica*. São Paulo: Iluminuras, 2007 [1896]

- MACEDO, Joaquim Manoel de. *O fim do mundo [1902]*. In: Os Romances da Semana. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia, 1937.
- MAIA, Francisco Prestes & CINTRA, João Florence de Ulhôa: “Um problema actual: Os grandes melhoramentos de São Paulo.” In: *Boletim do Instituto de Engenharia n.º 26/27* (vol. VI) outubro de 1924 a março de 1925; n.º 28 (vol. VI) março a junho de 1925; n.º 29 (vol. VI) julho a outubro de 1925; e n.º 31 (vol. VI) março a junho de 1926.
- MAIA, Prestes. *Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo*. São Paulo: PMSP, 1930.
- MAIA, Prestes. *Os Melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: PMSP, 1945.
- MARTINS, Epaminondas. *O outro mundo*. s/l. Editora Calvino Filho, 1934 (1ª ed.).
- MENEGUELLO, Cristina. “A cidade industrial e seu reverso: as comunidades utópicas da Inglaterra vitoriana”. In: *História Questões & Debates*, vol. 35, 2001.
- MENEGUELLO, Cristina. *Da Ruína ao Edifício*. São Paulo: Annablume, 2008.
- MORAIS, José Manuel (Ed.). *O Atlântico tem duas margens: antologia da novíssima ficção científica portuguesa e brasileira*. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.
- NEVES, Berilo. *A Costela de Adão (colêtaea) [1929]*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1936.
- NEVES, Berilo. *A mulher e o diabo (coletânea) [1931]*. Rio de Janeiro. Ed. A Noite, 1947.
- NEVES, Berilo. *O Século XXI*. São Paulo. Editora Civilização Brasileira, 1934 (1ª ed.).
- NETO, Coelho. *Lanterna Mágica*. Rio de Janeiro: Magalhães, 1899 (1ª ed.).
- NEW YORK TIMES. “New Menace in Brazil’s Valley of Death Strikes at Unborn” 19/09/1980 (Tradução de Carlos E. Winther).
- PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. *Tradição e modernidade: Afonso Schimidt e a literatura paulista (1906/28)*. São Paulo: Annablume, 2006.
- PEREIRA, Fabiana da Camara Gonçalves. *Fantástica margem: o cânone e a ficção científica brasileira*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. (eds.). *A classe operária no Brasil 1889-1930: documentos*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979, vol. I. p. 247-249.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Páginas da História do Brasil, escritas no ano 2000 [1868 – 72]*. In: Revista da Biblioteca Nacional, 6/junho/1957.
- SCHMIDT, Afonso F. *A Marcha. Romance da abolição [1940]*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1945.

- SCHMIDT, Afonso F. *Colônia Cecília* [1941]. São Paulo: Editora Anchieta, 1942.
- SCHMIDT, Afonso F. *Zanzalá e Reino do Céu*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1949 (1ª ed.).
- TEÓPHILO, Rodolfo. *O reino de Kiato (no paiz da verdade)*. São Paulo: Monteiro Lobato & co, 1922. (1ª ed.).
- TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.
- WELLS, H.G. *A máquina do tempo* [1895]. Trad. Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.
- VERÍSSIMO, Érico. *Viagem à aurora do mundo* [1939]. In: Obras completas de Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- ZALUAR, Emílio Augusto. *O Doutor Benignus* [1875]. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994